

Fall 2019

Libermann E “a união prática”

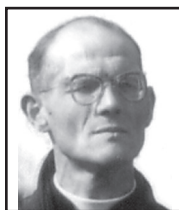
Jean le Meste

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

Recommended Citation

le Meste, J. (2019). Libermann E “a união prática”. *Horizontes Espiritanos*, 14 (14). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol14/iss14/5>

This Wellsprings is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.



Jean Le Meste, C.S.Sp.
Jean Le Meste, C.S.Sp., foi ordenado sacerdote em Chevilly a 04 de outubro de 1931. Durante vinte e cinco anos, até 1956, ensinou matemática, ciências e literatura em Saint-Illan. Tornou-se especialista no Pe. Libermann e assimilou muito a sua espiritualidade. Muito procurado como conselheiro e diretor espiritual, foi libertado pelos superiores para se dedicar, a tempo inteiro, como capelão, confessor e diretor espiritual. Foi encarregado de pesquisar sobre o Pe. Libermann em Chevilly. Como tal, colaborou na publicação dos primeiros números da revista Spiritus. Faleceu a 15 de Fevereiro de 1982.

Traduzido do francês pelo P. João Mónico, C.S.Sp. Lisboa

Uma vez padre, não nos pertencemos mais a nós, mas às almas

LIBERMANN E “A UNIÃO PRÁTICA”

Não vos lastimeis por causa do pouco tempo que tendes para a oração e para o estudo, feliz o missionário que ocupa todos os momentos no trabalho de salvação das almas¹. Mereceis mais ser felicitados que lastimados².

É com razão que o Papa Pio XII, em 1952, propôs o Padre Libermann como um guia muito seguro da ação missionária, porque nunca, diante da escolha que angustia facilmente os especialistas do trabalho apostólico, ele perdeu a serenidade, fruto da qualidade da sua oração. Lançado para ação, este místico não vai formar homens contemplativos mas sim, homens que poem a mão na massa, a sério, sem medo de se sujar algumas vezes. Primeiro não tem medo da ação nem a subestima. No dia 16 de junho de 1842, ele respondia muito claramente a um jovem padre que lhe expôs o seu problema (a sua santificação ou a dos outros):

Uma destas duas coisas depende da outra (...). Esta reflexão é muito importante, porque muitas vezes há padres que (...) têm mais zelo pela virtude de contemplação e pelas outras virtudes que contribuem para a sua própria santificação do que pela salvação das almas. É um grande erro. Uma vez padre, não nos pertencemos mais a nós, mas às almas, segundo a divina vontade, que nos coloca ao lado delas, conforme o seu agrado. Outros, pelo contrário, sob o pretexto do zelo pelas almas, dão-se totalmente ao seu ministério, sem se ocupar da sua própria santificação que sofre com isso. Fazem pior do que os primeiros. Devem em primeiro lugar, procurar a glória de Deus na sua própria alma. Em seguida, se são santos, salvarão muitas almas, e com menos esforço. Tem que ser feito uma coisa sem deixar de lado a outra (N.D., II, 472-473).

Não há, portanto, meio de se afastar nem de se evadir em sonhos de monges trapistas ou de cartuxos. É lá, no terreno onde vivemos a nossa vocação que é preciso manter o contacto íntimo com o Senhor.

Grandeza e miséria do apóstolo

As dificuldades provêm muitas vezes de uma falta de perspectiva e o padre Libermann quer preveni-los lembrando aos que vão partir que “a vida apostólica não é nada mais se não a vida cheia de amor e de santidade que o Filho de Deus teve na terra para salvar e santificar as almas” (*Regra Provisória*, N.D. II, 290). Como tal:

não há nada de mais belo, de mais elevado na terra do que o apostolado; a vida contemplativa com todo o brilho dos seus privilégios e de todas as suas doçuras das suas efusões, é inferior:³ *só representa uma parte da vida de nosso Senhor. A vida apostólica representa ela mesma a perfeição da vida de nosso Senhor, na qual está moldada. Mais que uma outra vida, ela dá-nos a conformidade com Jesus Cristo. Ela exige um sacrifício absoluto e contínuo e está baseada no perfeito amor que nos transforma em nosso Senhor*⁴.

O Fundador nunca tentou desviar-se da verdade: tanto nas suas conferências como nas suas viagens de recrutamento em 1846, ele pôs a sua gente perante a vida heróica que eles aceitavam. Com isso, ele queria afastar os candidatos cuja vocação assentava num entusiasmo factício. Nesta ordem de ideias, a carta do dia 2 de março de 1840 ao Senhor Bureau é sintomática, marcada tanto por uma franqueza quase brutal como por uma unção que tranquiliza. Depois de pôr a nu todos os limites do candidato na ordem da natureza e da graça em relação às exigências do apostolado – que ele pinta sem maquilhagem para lhe fazer tomar consciência da sua impotência total – compromete-o a apoiar-se nesta mesma fraqueza para se encher de força por uma total confiança na ajuda do Senhor:

Aprendeí, por tudo o que eu vos disse, em nunca se preocuparem, qualquer que seja a vossa miséria (...). É pela graça que vós deveis caminhar para a perfeição, não pela vossa própria força, que é menos que zero, como bem o deveis sentir (N.D., II, 113).

*É pela graça que vós
deveis caminhar para
a perfeição, não pela
vossa própria força*

A união do instrumento na mão que manuseia

Simple na sua vida espiritual, simple na sua direção, o padre Libermann só tem um objetivo: dar aos seus a familiaridade com a própria pobreza perante a obra a empreender e, deste modo, provocar neles a sede insaciável da água viva que resume toda a vida de oração do missionário.

Pouco a pouco a alma (...) enche-se do pensamento do seu nada (...) e estando na necessidade extrema, ela própria se eleva para encontrar o seu apoio (...). Então, começa uma nova vida (...). Então a alma começa a ser um instrumento aceitável entre as mãos de Deus, instrumento enferrujado, retorcido, aleijado, mas bastante flexível na mão competente que o manuseia, para realizar algo pela glória d' Aquêle que sozinho faz tudo o que é bom. Esta leveza (...) só vem depois de derrubar os seus primeiros desejos e as suas primeiras esperanças⁵.

O pensamento síntetizado do padre Libermann vai estar presente neste tema de instrumento e em toda a sua pedagogia para procurar influenciar os seus discípulos. É sem dúvida por isso que ele falará de “União prática”. Um instrumento, de facto, tão excelente, como se pode imaginar, só pode ser útil se o obreiro que o tem bem em mão o pode usar ao seu dispor, e se a ele está unido sem reserva. Caso contrário, as intenções do Mestre de Obra serão falsificadas.

Em todas as situações e circunstâncias da vida

“união prática” ... dizer esta conexão íntima com o Espírito em toda a nossa vida ativa, graças a um estado permanente de disponibilidade e de atenção a Deus

Será, apenas, no último ano da sua vida que o padre Libermann inventará este termo de “união prática” mas já o tinha descrito como sendo o próprio ideal de toda a vida cristã quer dizer esta conexão íntima com o Espírito em toda a nossa vida ativa, graças a um estado permanente de disponibilidade e de atenção a Deus que nos deveria levar a pensar, amar, querer e agir unicamente sob a influência daquele que se tornou “a alma da nossa alma” (C.J., 82 e passim). Há uma oração do Venerável que esclarece este realismo da vida de Cristo agindo sob a inteligência e a vontade humanas para as fecundar e as tornar cada vez mais livres e originais:

Ó santíssimo e adorável Espírito do meu Jesus, faz que eu ouça a vossa doce e adorável voz! Refrescaime pelo vosso delicioso sopro (...) Quero estar diante de vós como uma leve pena, para que o vosso sopro me leve onde ele quiser e que eu nunca coloque a mais pequena resistência (C.J., 86).

A data destas linhas tem a sua importância, porque neste ano 1840⁶, ele está ao pé do muro e espera, num ato de pleno abandono, que este muro caia, como o de Jericó, e que o Senhor lhe diga: “Faz-te ao largo”. Libermann só tem uma coisa para oferecer a Deus, levar Cristo à África negra:

um ouvido à escuta e um coração disponível. O muro cairá e a lição não será perdida: mais uma vez, verificou que Jesus é o Mestre do impossível para aqueles que o seguem na plena aceção da palavra. O futuro fundador não foi surpreendido pelo sucesso, se podemos assim dizer, Deus também não foi surpreendido por esta atitude, porque Libermann era consequente com a seu passado e com a ideia que ele tinha do batismo. Alguns meses antes, no dia 10 de outubro de 1839, escrevia a dois judeus que se tinham convertido:

Agora que têm a soberana alegria de receber nas suas almas a santa e divina vida de Cristo, têm também que a manifestar em todas as suas ações, ela deve ser a ocupação de todos os seus pensamentos e o motivo dos seus desejos (...). Abri as vossas almas, estendei-as, fazei-as grandes como mares diante do nosso doce Jesus, para que ele as faça transbordar do seu santíssimo amor. Não sei se percebem bem a ideia que eu quero exprimir, porque, quando se fala do amor de Jesus nas almas, nunca se pode explicar (...) porque vê-se mais do que se percebe; pois quem alguma vez percebeu o cumprimento, a largura, a altura e a profundidade da ciência, e a imensidade do amor de Jesus? Mas pelo menos dai-vos todos inteiros (a este amor). Existe nEle o que vos pode satisfazer, saciar e fazer abundar em todas as situações e em todas as circunstâncias da vossa vida. Jesus e o seu santo amor são suficientes (L.S., II, 282-284).

Toda gente sabe que o batismo nos confere a dignidade de filhos de Deus e, São Paulo, lembra-nos esta filiação, em muitas das suas palavras: “porque, todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” ou esta outra: “Assim, já não sou eu quem vivo, mas Cristo que vive em mim” (Gal. 2, 20). Mas, quantos têm consciência disto, na sua vida prática! Libermann, ele mesmo, tira todas as consequências, tanto na sua conduta pessoal como na sua doutrina espiritual e missionária.

Deixar-se trabalhar por Deus

“Tudo é vosso, e vós sois de Cristo e Cristo é de Deus” (1 Cor. 3, 22), dizia São Paulo aos Coríntios. “Tudo é nosso” diz também o filho do rabino de Saverne, porque

as graças que nosso Senhor nos comunica na terra tornam-se a nossa própria substância (no sentido de que) elas nos comunicam, pela fé, a santidade de nosso Senhor, as suas virtudes, as suas disposições e a sua vida; elas fazem de todos estes bens divinos, em que nosso Senhor é o grande tesouro, como uma propriedade pertencendo às nossas almas, que disfrutam delas já nesta vida. (C.J., 133; n.é., 164).

*Esta água viva está aí,
ao nosso alcance: basta
querer e preparar-se*

Esta água viva está aí, ao nosso alcance: basta querer e preparar-se. Como? Uma carta do dia 13 de janeiro de 1842 resume, admiravelmente, esta orientação, bem como todos os escritos anteriores e todas as suas instruções aos missionários. Reparemos na data desta carta: Há apenas cinco meses que ele se torna fundador-mestre de noviços e certamente foi assim que ele ensinou aos que se preparavam para a aventura africana; temos mesmo a prova disso pelo comentário da Regra provisória de 1844. Todo o papel do homem na vida espiritual consiste em se

*Deixemo-lo agir em
nós como o nosso
corpo deixa agir a
nossa alma, que Ele
nos mova segundo a
sua conveniência e
como Ele quer*

dispor, pelo socorro muito poderoso da divina graça, que é muito forte em nós (...), em seguir os movimentos e as impressões do divino Espírito que está em nós. Ele quer ser a alma da nossa alma (...). Deixemo-lo agir em nós como o nosso corpo deixa agir a nossa alma, que Ele nos mova segundo a sua conveniência e como Ele quer. A única diferença é que o corpo recebe e segue necessariamente o impulso que a alma lhe dá, enquanto a nossa alma deve receber e seguir voluntariamente o santo impulso desta alma divina, o Espírito de Jesus (N.D., III, 102).

Ele desenvolve longamente esta ideia nas linhas que se seguem, no texto anterior. Outros textos, do mesmo tipo, são muitos; este diz o essencial, pondo ao abrigo de toda suspeita de quietismo aquele que não se cansará de exaltar “uma piedade masculina e vigorosa (...) aquela de nosso Senhor e dos seus Apóstolos” (L.S., II, 10).

E por isso ficar com ele

Embora muito edificante, a comparação da alma, deixamos, ainda, com a nossa fome: gostaríamos de saber como é que a vontade humana se deve oferecer a este impulso poderosa do Espírito. O padre Libermann respondeu várias

vezes a este desejo, especialmente na sua carta do dia 5 de outubro de 1840 ao Senhor Dupont. Aqui, refere-se apenas ao estudo, mas a solução vale também para a ação, qualquer que seja ela. Depois de ter distinguido a ciência puramente natural e aquela que é puramente sobrenatural ou infusa, chega à ciência que ele chama de mista.

Ela adquire-se, escreve ele, quando, por um princípio puramente sobrenatural, como aquele de agradar a Deus e de fazer a sua santa vontade, a gente aplica seriamente as faculdades naturais ao estudo, cheio de confiança e num espírito de contemplação e de amor por ele.

Devemos, por um lado, fazer uma entrega total, “evitar aquela preguiça e aquela covardia naturais que nos deixam constantemente no descanso”; por outro lado, “há que tomar cuidado contra o gosto muito forte e a paixão do estudo. Esta paixão é uma das mais fortes. (Certamente) o gosto pelas coisas que estudamos é bom, é um dom de Deus, mas não se deve abusar. É igual ao gosto pela comida; Existe um perigo maior em se deixar ir. O equilíbrio difícil é alcançado pelo espírito de recolhimento:

O estudo deve ser feito sobre Deus, assim como as nossas outras ações (...). O espírito de recolhimento é para nós de uma importância soberana; todo o fruto que poderíamos fazer nas almas depende dele. Mais, sem o recolhimento, parece inevitável que a natureza e a paixão dominem e gerem tudo o tipo de defeitos. Sem o recolhimento, o nosso espírito toma, pouco a pouco o hábito de agir por ele próprio e independentemente de Deus. Isso é já um mal em si; mas resulta disso, ainda, um mal maior pois o nosso espírito adquire então uma atividade natural extraordinária, que o impede de ser flexível e dócil às luzes divinas, e torna-se um obstáculo terrível à oração, ao conhecimento de si-próprio, das almas e à ação da graça nelas. Acreditem em mim, vi e constatei todas estas coisas várias vezes e em várias pessoas; e apesar disso, são todas naturais (N.D., II 184-187).

Tudo isso já se parece muito com a união prática, mas a palavra ainda não surgiu: há de haver novas circunstâncias para a fazer jorrar.

Chamar-lhe-á “união ativa” ou “união prática” no capítulo V das suas Instruções aos Missionários ... “ação ou união prática” nas suas últimas conferências aos noviços de Notre-Dames do Gard

União ativa e prática

É justamente quando quer falar *ex professo* aos seus missionários da oração e da união contemplativa que o venerável padre Libermann sente a necessidade em lhes relembrar o outro modo de união, aos seus olhos mais necessária e mais perfeita, e ao mesmo tempo a mais característica do missionário. Chamar-lhe-á “união ativa” ou “união prática” no capítulo V das suas *Instruções aos Missionários* (E.S., 480-496), “ação ou união prática” nas suas últimas conferências aos noviços de Notre-Dames do Gard (N.D., XIII, 697-702). Os dois textos são da primavera de 1851. As cartas da mesma época não usam este vocabulário. Talvez esta nova expressão, que lhe permite resumir o seu pensamento num ponto capital, parece-lhe muito complexa e muito rica para ser percebida quando ele não a explica. Sendo assim, parece-lhe, o último nível de uma doutrina que procura uma fórmula concisa e preñhe.

Com muita clareza, o nosso autor situa respetivamente a união a Deus pela graça, pela oração e pelas ações da vida. A primeira “é passiva por nossa parte” enquanto as duas outras, precisam da nossa contribuição, da nossa fidelidade, merecem, neste caso, ser chamadas ativas.

Pela graça santificante (que “nos é comunicada em germe pelo batismo”) a alma fica é unida a Deus. Esta união é passiva da nossa parte; Deus nos vivificando pelo Espírito Santo, nos une com ele, sem que, da nossa parte, façamos outra coisa que estar ao seu dispor, e sendo dispostos, não desistir (E.S, 480; N.D., 696).

Mas esta graça precisa de crescer; isso é próprio da nossa santidade. Mas não pode ser sem a cooperação da nossa liberdade (N.D., XIII, 696-697):

Deus une-se connosco dando-nos a sua graça santificante; ele nos une a ele através da nossa fidelidade. (De facto), pela nossa fidelidade em seguir as impressões e inclinações desta graça, seja nas nossas relações com Deus, seja nas nossas relações com as criaturas, unimo-nos a Deus, e é uma união ativa (...). Aqui, manifestam-se dois estados da alma: a união contemplativa, a ação (ou união) prática, que dão abertura ao desenvolvimento da graça santificante (E.S, 480; N.D., XIII, 697).

Voltamo-nos diretamente para Deus ... ou seja aderimos às tendências da graça ... a união ativa é chamada por Libermann contemplativa ou prática

Voltamo-nos diretamente para Deus, porque temos sede dele como um filho da sua mãe (N.D., XIII, 697), ou seja aderimos às tendências da graça (E.S, 480-481) no desenvolvimento próprio de todas as nossas atividades e relações diárias, a união ativa é chamada por Libermann contemplativa ou prática.

Assim, na oração, como na união prática nos afazeres diários da vida, a alma une-se a Deus pela fé e pelo amor. Mas há esta diferença: nesta, a alma, conservando as suas relações com as criaturas, conforme a vontade de Deus, adere e obedece à graça que a anima e se une a Deus nas suas obras; na oração, ela rompe toda a relação com as criaturas, recolhe todas forças, para se ligar a Deus por um pensamento de fé, e se une a ele pelo amor (E.S, 496).

Face à esta definição, percebe-se que a união prática seja mais perfeita e mais essencial que a união contemplativa. “Não são os que dizem: Senhor! Senhor!...”

Uma união contemplativa mais perfeita, com uma ação prática menos perfeita, constitui uma perfeição menor e uma ação prática bem perfeita, junta a uma união contemplativa que é menor (N.D., XIII, 697).

De qualquer forma, a união prática deve caracterizar os missionários que têm de “se sacrificar pela glória de Deus e pela salvação das almas”

De qualquer forma, a união prática deve caracterizar os missionários que têm de “se sacrificar pela glória de Deus e pela salvação das almas, sem sentir grandes doçuras interiores habituais” (698):

O nosso estado pessoal deve ser efetivo mais que afetivo. Totalmente dedicados ao próximo um dia (falava a noviços), não teremos tempo de alimentar a nossa alma de (...) doçuras espirituais. O bom Deus nos dará a medida necessária de consolação e de força; mas só podemos contar com o amor forte e ativo. Tal é o missionário; não deve estar desconcertado e crer que faz mal, só porque não sente doçuras. Sejamos vigorosos soldados ao seu serviço, esquecendo-nos de nós próprios e respirando apenas a sua glória e a salvação das almas (711).

Agir pela fé e o amor

No seio da união prática, existe, pois, a vontade (atual ou habitual) de fazer dominar em nós, para inspirar as nossas ações, as inspirações da graça sobre as tendências da natureza. Porque se estas ficam “donas da nossa atividade (...) a união ativa então (seria) apagada” (E.S., 483). Assunto de intenção, dir-se-á. Com certeza, e Libermann não negava, mas, com uma acuidade clínica implacável, ele denuncia longamente (E.S., 481-489) as ilusões “de uma intenção mentirosa e superficial” (E.S., 487) e “esta pretendida piedade, que quer estar unida a Deus conservando as suas afeições naturais, a procura de si mesmo, os seus vícios ou os seus defeitos” (E.S., 484).

“Como fazer então?” (E.S., 486). É preciso aprender a discernir os movimentos da natureza e da graça (E.S., 490) e, para não se deixar ir pelos primeiros em desfavor dos segundos, tem que ter a coragem de aplicar a “resolução firme de uma abnegação total” (E.S., 487; 491); o que é possível formando em nós “uma atitude de espírito de fé e de caridade pura” que nos dê o desejo de agradar a Deus e que nos dê também uma alegria de aderir “praticamente a tudo o que lhe é agradável” (E.S., 486; 491). Em resumo é a mesma coisa que fazer dominar em nós “a influência da graça que nos une a Deus” ou de agir por um movimento de fé e de caridade “porque é nestes movimentos que reside a ação da graça” (E.S., 483-484; cf. *Ibid.*, 556-557).

Vê-se bem, agora, o íntimo parentesco entre a oração e a união prática porque “o espírito de oração”, justamente, “mantém a alma voltada para a contemplação e dispõe o coração ao amor” (E.S., 483-484). Vice-versa, uma alma que vive num “estado de fidelidade habitual à graça” (...) tem retornos muito frequentes para Deus, durante o dia” (E.S., 497-498):

Não estamos absortos em Deus, mas voltamos a ele sem cessar, sem esforço e como que instintivamente, durante as suas ocupações, de forma que não se pode ficar sem pensar frequentemente em Deus, como um amigo pensa frequentemente naquele que ele ama (N.D., XIII, 698).

A união prática é assim parecida à união contemplativa pelo que ela supõe um estado de oração latente, subconsciente

Por fim, é uma facilidade, tornada, também, irresistível, como um desejo natural do coração ... em se abandonar aos mínimos impulsos da graça

A união prática é assim parecida à união contemplativa pelo que ela supõe um estado de oração latente, subconsciente, qui influi na qualidade da ação orientando-a sempre pelos motivos de fé, de esperança ou de caridade e a faz surgir em oração consciente nos momentos mais importantes ou mais críticos. Um exemplo tirado da vida do Venerável nos ensina claramente sobre este ponto. Eis como M. Mangot descreve isso durante os anos 1837-1839, em Rennes, nos Eudistas:

No noviciado, ele era de uma exatidão perfeita. Bastava-se em tudo e, apesar de muito ocupado, as suas conferências agradavam-nos (...). Um dia, fiz-lhe esta reflexão: “Parece-me que esta multiplicidade de afazeres se deve opor à união habitual da vossa alma com Deus. É o contrário, respondeu-me; em cada novo trabalho a minha alma eleva-se para Deus para pedir a sua assistência, e o resultado disso é que quanto mais ocupações tenho, mais a minha união com Deus se fortalece” (N.D., I, 521).

Por fim, é uma facilidade, tornada, também, irresistível, como um desejo natural do coração (cf. E.S., 483) em se abandonar aos mínimos impulsos da graça. Chegamos ao ponto de nos identificarmos com a ciência da salvação como um artista com o objeto da sua arte “de tal forma que andamos bem sem precisar de refletir muito sobre isso” (N., 701). “A vida sobrenatural (...) tornou-se, desta forma, natural” (E.S., 554).

Um longo trabalho

Depois de frisar este ideal, é preciso acrescentar que tudo isto não é negócio de um dia mas o fruto de um longo trabalho (E.S., 487). “É preciso sem dúvida tempo para lá chegar (...) mas uma vez isso feito, é uma vida feliz” (N., 705).

“A união prática”, como a oração, conhecerá muitos degraus, dúvidas, derrotas, e progressos. Tudo é uma arte, e uma arte cujo segredo está em Deus primeiro, que a comunica segundo o seu agrado, tomando justamente em conta a nossa natureza, a nossa vocação e a nossa boa vontade “prática”, aquela que não se contenta em gritar: “Senhor, Senhor”, mas tenta tomar no seu melhor a ação divina, no momento presente, com os meios que tem. Sobre este ponto, o padre Libermann, que parecia há pouco desenhar um programa de perfeição quimérica, torna-se de

um realismo desconcertante que se foi acentuando com a experiência dos anos e dos factos. Sobretudo, não digamos: “Eram santos, aqueles a quem estas palavras se dirigiam”. Santos, aqueles padres de 25 a 30 anos e, além disso, aqueles Franceses de caráter turbulento? O Fundador, ao ver o barco que os levava, a afastar-se, não podia ficar sem um pouco de melancolia, apesar do seu otimismo sem fissura na graça toda-poderosa do Senhor. Como vão reagir por lá, quando a realidade se apresentar, sem véu, à sua imaginação de conquistista? Ora, ele conhece-os bem, e a afeição delicada que ele tem por eles deixa mais sensível a sua perspicácia para com eles. Ele sabe muito bem que Le Vavas seur é um “terrível turbulento”, Tisserant é um impulsivo, que Bessieux deixe-se apanhar pela miragem do inédito, que Arragon, sobre o efeito da impressão, fala com uma violência que pulveriza toda doçura evangélica, que Lossedat, oscila entre a rigidez e o desânimo e assim por diante. Ele acreditou neles, porque os julga generosos e dóceis à graça apesar de tudo, mas como cavalos fugosos que escouc inham quando picados pelo aguilhão. Mas “a união prática” em tudo isso, como será viável? Da maneira como Bossuet a descreveu numa página famosa...no tempo em que se lia Bossuet!

Vejam este cavalo ardente e impetuoso, enquanto o seu escudeiro o leva e o doma; tantos movimentos irregulares! É um efeito de seu ardor e o seu ardor vem da sua força, mas de uma força mal ajustada. Ele compõe-se (ele se modera), torna-se mais obediente sob a esporas, sob o freio, sob a mão que o manuseia para a direita ou para a esquerda, o puxa, o retém como quer. No final ele é domado; só faz o que lhe é pedido: ele sabe ir passo a passo, sabe correr, não com esta atividade que o deixava cansado, pela qual a sua obediência era desobediência. O seu ardor tornou-se força (...) Notem; não está destruída, ajusta-se; não é mais precisa a esporas, apenas a rédea (...). Por um pequeno movimento, que é apenas a indicação da vontade do cavaleiro, ele avisa-o em vez de o forçar; e o pacífico animal apenas escuta. A sua ação está tão unida à do cavaleiro, que se torna apenas numa só e mesma ação⁷.

Podemos comparar esta descrição com a carta já referida a uma superiora de religiosas missionárias na qual o padre Libermann retrata a marcha das “boas almas” que “querem chegar antes de se pôr a caminho” e que “Deus pára com todo o tipo de obstáculos. Elas caem, mas levantam-se; continuam sempre o seu caminho, correndo e cansadas, ele fecha todas as passagens, etc.” (N.D., IX, 155; L.S., III, 575). Se o estilo não é muito estudado, o charme está presente; de qualquer das formas, a inspiração está.

Sim, é preciso muito tempo e tentativas abortadas para alcançar a “união prática” em todo o sentido da palavra

Sim, é preciso muito tempo e tentativas abortadas para alcançar a “união prática” em todo o sentido da palavra. O exemplo dos maiores santos está lá para nos ensinar, confessa Libermann (cf. C.J. 324; n.é., 205). E quando conseguem “o hábito desta renúncia perfeita e desta santa união com Deus (...), que não se imagina (...) que gostem tanto desta luz que nunca se enganam (...). Se, algumas vezes, se têm enganado, alguma imperfeição lhes impedia de receber os raios perfeitos da luz” e também da força divina (ibid., 358-359). É, pois, um longo caminho, acidentado de encostas e de descidas mais ou menos íngremes, segundo o caráter de cada um e a maneira como o guia divino se faz ouvir.

A intenção de se deixar trabalhar é isso a primeira condição da “união prática”

Mas para todos, desde o início, fá-los entregar totalmente ao seu domínio pela renúncia ao seu julgamento e à sua vontade autónoma, pelo menos de intenção, como se faz ao entrar num autocarro ou num comboio: durante o trajeto, aceitamos ser conduzidos e não incomodar o condutor de maneira alguma até o terminal. A intenção de se deixar trabalhar é isso a primeira condição da “união prática”. Como Deus vê tudo e providencia tudo, o sinal de alarme é supérfluo. Nada está realizado e, portanto, tudo está em obra para o sucesso. Tal é a importância da abnegação total pedida, no início, aos noviços: “Eu começava por lhes dar uma elevada ideia da perfeição”.

De todos os outros homens

Desde início até ao culminar desejado, descrever todo o caminho seria retomar e resumir toda a espiritualidade de Libermann. Precisaria de mais espaço! Contentemo-nos em aumentar o desejo de seguir em frente descrevendo, seguindo o padre Libermann, as bem-aventuranças apostólicas prometidas aqueles que aceitam unir-se praticamente ao seu Senhor. Encontram-se listadas nas *Instruções Missionárias* em 3 páginas que resumimos com o risco de as alterar (E.S., 491-494).

*vê-se as coisas de Deus
sem esforço e claramente,
porque a nossa alma está
no seu elemento, a luz
divina*

Bem-aventurança da luz: “uma alma assim unida a Deus (...) adquire luzes sólidas e práticas, isso quer dizer um certo tato nas coisas de Deus (para si, para os outros, e para as suas obras)” (E., 491-492). “Tem em si a abundância de verdade, respira-se a verdade, alimenta-se dela, vê-se as coisas de Deus sem esforço e claramente, porque a nossa alma está no seu elemento, a luz divina”. (N., 699). Isto supõe “um aperfeiçoamento mesmo das nossas faculdades mentais” (E.S., 273) e ele próprio tinha experimentado como ele o confessou em uma carta ultra secreta do dia 03 de Agosto de 1846 que nunca deveria poder chegar até nós:

Senti que o meu espírito tem uma certa força, uma certa elevação e o meu julgamento da extensão e da retitude, mas está certo que é só a graça que criou o que não existia, que fortificou o que era fraco e retificou o que era defeituoso. Isso é tão real e claro que, se eu me tornava descrente, o meu espírito nunca poderia negar a existência e a ação da graça na minha alma (N.D., VIII, 203).

Bem-aventurança da força: “A alma assim unida a Deus (...) está cheia de força e não cai nem desanima. (No meio dos acontecimentos e dos contratempos mais difíceis), ela mantém-se calma, submetida e livre das suas faculdades e da sua ação”!

Bem-aventurança da ...felicidade!: “A alma assim unida a Deus desfruta de uma paz profunda (...de) um bem-estar sobrenatural do qual não se consegue ter uma ideia exata, quando não a tem. Este bem-estar (muito profundo: “na fonte e na raiz da sua vida” existe mesmo no meio das penas e das tribulações de todo o tipo. (Muito mais, ele) fica mais sensível nesses estados, (se bem que no tempo de aflição) a alma assim disposta experimenta uma maior serenidade de espírito e de alegria de coração, (doce, moderada nas suas relações com os outros)”⁸.

A abundância de dons do Espírito Santo: “Finalmente, a nossa alma unida a Deus nos seus hábitos práticos, recebe com abundância as graças necessárias ao seu estado e à sua posição, e os dons especiais do Espírito Santo na ordem da sua vocação, conforme os desígnios de Deus para ela”⁹.

Esta referência aos dons do Espírito Santo adaptados às necessidades especiais do missionário precisaria de um longo comentário. Digamos apenas que o venerável Libermann lembra-se do capítulo XII da primeira aos Coríntios e de toda a segunda. O seu comentário de São João volta mais vezes a este tema. (cf. conferir pp. 329-333; n.é., 210-213).

Os apóstolos, durante tudo tempo que nosso Senhor viveu na terra, tinham necessidade destes dons abundantes; também não era a fraqueza deles! Desde que eles os receberam, tornaram-se outros homens (333).

“Outros homens”! O padre Libermann tem a certeza de que os missionários também se tornarão assim, pela “união prática”, porque a sua vocação o requiere absolutamente. Se Cristo “teve muito cuidado em formar os seus apóstolos na santidade, queria ele, contentar-se, da nossa parte, com uma vida natural e cheia de defeitos e de imperfeições?” (E.S., 369). Também, o padre Libermann diz aos seus discípulos, que devem servir de modelos aos homens muito pobres, em todos os domínios, com todas as virtudes do homem novo.

É de facto, dando esta admirável missão de salvar os homens às criaturas fracas e imperfeitas, ele as transforma e faz deles homens todos diferentes; ele faz homens santamente poderosos; de homens da escuridão; ele faz homens da luz eterna (E.S., 371).

Gostaríamos de poder referir aqui toda a carta do dia 19 de novembro de 1847, dirigida aos missionários de Dakar e do Gabão. Ela mostraria o dia certo em que o fundador concebeu “a união prática” e as suas maravilhas. Ele opõe, entre outros, ao homem que flutua conforme a sua sensibilidade e a sua imaginação, o homem que, apoiado na força de Deus, fica sempre o mesmo: “Nunca tristeza, nunca irritação, nunca desgosto nem contra (o próprio), nem contra os outros” (N.D., IX, 329). Como o Apóstolo que sobreabundava de alegria nas suas provações, o padre Libermann insiste muitas vezes, ele também, sobre a alegria muito pura produzida pelo sofrimento endurecido para a glória de Deus e a salvação dos homens; e os termos utilizados são muito eloquentes podendo fazer pensar que é uma outra experiência diferente da dele.

Uma outra carta do dia 18 de junho de 1848 completa de uma maneira útil aquela, mostrando-nos que esta transformação, é também a passagem à verdadeira idade adulta mas conservando “a doçura, a simplicidade e a moderação da infância”:

Nós somos é fortes, julgamos as coisas pela razão ajudada pela graça (...). Somos o homem dono de si próprio, do seu pensamento e da sua imaginação. Conservamos toda a vivacidade do sentimento (...) mas (...) a impressão não nos domina (...). O Espírito é livre de todo o impedimento (...) esta liberdade de espírito, salva de impressões diversas (...) paixões, dá-lhe, ou seja concede-lhe, esta bela simplicidade que é uma das maiores qualidades dos bons espíritos... (N.D., X, 228-229).

Não se consegue à primeira tentativa, e o próprio venerável Libermann experimentou isso. Dom Gardereau, o seu companheiro de Santo-Sulpice, se deu bem conta disso, quando ele corrigia o panegírico do Cardeal Pitra, o primeiro biógrafo. Ele reconhece no então seminarista rigidez e excesso de zelo, e ele acrescenta:

Era bem, a mesma personagem que eu vi há tempos na chefia da sua congregação (...) tão prudente, tão atento em dirigir cada um no caminho marcado pela Providência, gerindo as fraquezas, não impondo a ninguém o fardo que não conseguia carregar. Mas, neste intervalo, crescia constante na vida espiritual; e conforme ele avançava, mais era completo e esclarecido pela graça, mais o seu zelo também se tornava flexível, sem nada perder do seu fervor, mas era mais apto para dirigir as almas conforme as leis da discricção, conforme a possibilidade de cada um e conforme os desígnios de Deus (N.D., I, 125).

Então, na doutrina do padre Libermann, “a união prática” é o meio por excelência para chegar ao pleno gozo da natureza e da graça

Então, na doutrina do padre Libermann, “a união prática” é o meio por excelência para chegar ao pleno gozo da natureza e da graça, a solução do humanismo cristão. Portanto, ele deixa um aviso contra o angelismo, sublinhando que se a nossa parte espiritual está em ordem, “a raiz da perversão não morre e acontece muitas vezes que almas vivendo habitualmente sob a influência da graça de Deus, sentem ainda o estimulante da má natureza” (E.S., 416).

“A união prática” não retira também todas as marcas de falta de educação e acontece também que os defeitos de cada um estejam conservados, certos limites e outros sinais defeituosos, mas isto pouco importa, acima de tudo, para a santidade e o brilho apostólico que cada um deve atingir conforme a sua medida. Este educador de missionários não se importa muito disso quando tem de dirigir os seus discípulos. A um jovem superior que sonha com Dakar de um ideal irreal, ele expõe no dia 15 de abril de 1846 o seu próprio método:

Nunca vão conseguir homens feitos conforme o vosso desejo (...). Então, qual é o meio mais poderoso que eu uso para os conduzir? Tolerando a cada um os defeitos que não prevejo puder eliminar (...). Tenham certeza de que nada se faz neste gênero com força (...) mas também, pelo contrário, tudo se faz, tudo se obtém pelo apoio, a tolerância, a doçura e o calmo, Eu digo tudo; Não quero dizer que se consegue fazer perder aos outros o seu carácter e o seu modo natural de estar, nem todos os defeitos deste modo de estar; mas ganha-se de tudo isso algo possível (...). Por exemplo, se queriam tornar o Senhor Arragon, moderado, polido, amável no seu jeito, seria uma quimera, tentariam parar o Sol na sua corrida (...). Deixem então cada um com o seu próprio jeito (...). Deus os fez como tal; estão dispostos a fazer tudo pelo bem; deve-se encorajar-lhes, e fariam tudo conforme o que lhes será dado do Céus (N.D., VIII, 113-114).

“Ele era como se visse o invisível”

Por este artigo, não pretenderíamos dizer que o venerável Libermann, falando connosco da união prática, tivesse dito coisas originais: ele se tivesse defendido também. Pelo contrário, o nosso objetivo era de sugerir que este escriba filho de rabino, tornando-se discípulo do Salvador e padre missionário, encontrou o “realismo superior” que Bergson reconhece aos grandes místicos, tirando sempre do seu tesouro coisas novas e coisas velhas. (Mat. 13, 52). Um testemunho ao processo de beatificação declarou: “Direi que em toda a sua vida, ele era *invisibilem tamquam videns* (ele parecia ver o invisível), sempre na presença de Deus, sempre vivendo da fé”¹⁰. Um livro recente deu a esta fórmula uma atualidade de boa índole e talvez também à doutrina de Libermann.

*sempre na presença de
Deus, sempre vivendo
da fé*

No fim do capítulo das *Instruções aos Missionários* sobre “a união prática”, o venerável padre Libermann lembra a palavra de Jesus: “Eu vim deitar o fogo na terra” e ele comenta:

Querendo causar este incêndio, ele colocará necessariamente tochas ardentes nas mãos daqueles que ele encarrega para o incendiar. Porque é que há tão poucos destes santos incendiários? Será que existem poucos santos, poucas almas unidas a Deus nos seus trabalhos de cada dia; as suas tochas são condenadas a ficarem extintas, produzem no máximo o fogo de um fósforo (...). Os apóstolos de Jesus Cristo sendo amadores de si mesmos, homens da terra, obedecendo ao seu orgulho, ao seu jeito, às suas fraquezas, aos seus defeitos (...), os dons do Espírito Santo são lhes necessariamente negados, os desígnios de Deus são abortados, os povos permanecem nas sombras (...), nosso Senhor Jesus Cristo e a santa Igreja estão a sofrer (...). Porquê e até quando (...)? Ah! Meus bem-amados confrades (...) tenham piedade (...) piedade (...) piedade (...) (E.S., 494-495).

Este apelo patético aos missionários que sejam santos acaba com uma oração que jorra como um grito. Se pudéssemos, no termo deste estudo, fazê-lo nosso, com fervor, não seria uma boa conclusão? “Vinde Senhor Jesus, vinde, desperta os teus servidores e vive neles!”

Jean Le Meste, C.S.Sp. (RIP)
Paris

Notas de Rodapé

¹Traduzido do francês pelo P. João Mónico, C.S.Sp. Lisboa.

²(N.D. VII, 147; abril 1845). Siglas dos escritos de Libermann aos quais se faz a referência neste artigo. C. J.: *Comentário de São João 2.^a ed.*, s.d. (30, rua Lhomond, Paris, cerca de 1895) - C. J., n. è.: idem, nov. ed. Parcial (Desclée de Brouwer 1958) – E. S.: *Escritos espirituais do venerável Libermann* (Duret, Paris, 1891) – L. S. I, II, III: *Cartas espirituais do venerável Libermann*, 3.^a ed. (Poussiè l'gue, Paris, 1889) – N. D., I a XIII: *Notas e Documentos relativos à vida e à obra do venerável F. M.P. Libermann* (30, rua Lhomond, Paris 1929-1941).

³Não se deveria ler nestas notas – que não são textualmente da mão do Venerável mas que foram anotadas na escuta por um dos seus filhos, o Padre Lannurien – o sinal de uma menor estima da vida contemplativa. Ele próprio sentia-se puxado por “todos os brilhos da natureza e da graça”, mas ele tinha que ser “o último no reino do Pai celeste”, ele nem quer admitir a ideia de deixar “o caminho desenhado pela ordem” da vontade divina (N.D., VIII, 30-31). Pelo menos, ele desejava “ser intimamente unido (à) ordem dos anjos” dos Cartuxos (N.D., II, 154). E sabe-se das belas páginas que ele nos deixou no seu Comentário de São João sobre “o amor contemplativo” de Maria de Betânia.

⁴*Comentário da Regra provisória*; manuscrito inédito, p. 4.

⁵Carta do dia 31 de maio de 1847 à uma Superiora de religiosas missionárias; N.D., IX, 155.

⁶N.d.I.r. Datas biográficas. 1802: nascimento em Saverne, Baixo-Reno, na casa de um rabino – 1826: conversão e batismo em Paris; 1827-1837: Teologia em São-Sulpice depois, doente, colaborador no seminário de Issy; 1837-1839: Mestre de noviços Eudistas em Rennes; 1840: em Roma para a fundação da Obra dos Negros; 1841: seminário em Estrasburgo; ordenação e início da Congregação do Sagrado Coração de Maria em Amiens; 1848: fusão com a Congregação do Espírito Santo da qual, é, em Paris, o decimo-primeiro superior geral; 2 de Fevereiro 1852: faleceu em Paris, 30, rua Lhomond.

⁷*Meditações sobre o Evangelho*. A ceia, 2ª parte, 4º dia.

⁸Cf. A palavra do Pároco de Ars: “Na alma unida a Deus é sempre a primavera”.

⁹Encontra-se a mesma enumeração de benfeitos em “o Pequeno tratado da vida interior (E.S., 273) referente aos frutos desta vida cuja real definição se aproxima de facto, puro e simplesmente aquele da “união prática”: É viver e agir praticamente “sob a influência e a dependência de Jesus Cristo que vive (em nós)”. Cf. N.D., XIII, 68 p.

¹⁰M. De Brandt, vigário geral de Amiens, *Processo de Virtutibus*, p. 195.